

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Ariane Kretschmer da Silva – Universidade Tuiuti do Paraná
ariane.silva@utp.br

Elisa Kiyoko Gunzi – Universidade Tuiuti do Paraná
elisa.gunzi@utp.br

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

RESUMO

O presente artigo é resultado da pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão de Curso, para o curso Superior de Tecnologia em Fotografia, da Universidade Tuiuti do Paraná. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma breve reflexão do livro *A Fotografia entre Documento e Arte Contemporânea* de André Rouillé, tratando do surgimento, das características e das transformações da Fotografia Documental. A partir do artigo da pesquisadora Katia Lombardi intitulado *Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental*, o intuito será discutir a intencionalidade do fotógrafo na construção das imagens e a recepção do espectador em relação ao subjetivo apresentado nas fotografias. Com base nas entrevistas realizadas pela jornalista Simonetta Persichetti com os fotógrafos Claudia Andujar e Miguel Rio Branco, que serão objetos de estudo desta pesquisa, tratará da construção de suas imagens, a linguagem utilizada, bem como a concepção de seus trabalhos e como a trajetória de vida, a orientação de cada indivíduo pode moldar a construção de seus projetos, visando a partir dos livros de fotografias *Yanomami* de Andujar e *Nakta* de Rio Branco, discutir a força das narrativas apresentadas.

Palavras-chave

Fotografia documental, fotografia expressiva, fotodocumentarismo.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Apresentação

O objetivo do artigo é discutir brevemente em dois a fotografia documental clássica e contemporânea, que do seu surgimento até a atualidade, passou por diversas transformações. Em suas primeiras características buscava apontar as mazelas sociais, o desconhecido e provocar mudanças, assim como melhorias para a sociedade. A partir destas inquietações surgiu um novo gênero de fotodocumentarismo, a fotografia expressiva.

Estas transformações serão discutidas brevemente em dois tópicos. O primeiro tópico, Desconstruindo a Estética da Fotografia Documental, discutirá o surgimento das primeiras características do que será conhecido como fotografia documental e o rompimento dos paradigmas sobre os pressupostos deste gênero fotográfico. O segundo tópico, A Construção da Fotografia Expressiva, propõe uma discussão sobre o novo rumo da fotografia documental apresentando a subjetividade e a desconstrução da estética clássica de tal gênero fotográfico.

DESCONSTRUINDO A ESTÉTICA DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

A pesquisadora Katia Lombardi (2008) no artigo intitulado Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental relata que, logo após o governo francês patentear¹ o processo fotográfico no ano de 1839, surgem os primeiros indícios do que viríamos chamar de Fotografia Documental. Aqui, temos o trabalho de David Octavius Hill², que retratou figuras anônimas (FIG. 1) numa época em que os retratos eram posados e feitos sob encomenda. Mas, segundo Lombardi, foi

¹ Nota da autora: Processo que permite a difusão da fotografia.

² Segundo Juliet Hacking no livro intitulado Tudo sobre Fotografia, David Octavius Hill e Robert Adamson, realizaram mais de três mil negativos, utilizando a técnica concebida por Henry Fox Talbot no ano de 1833, o Calótipo – processo de captura de imagem em papel negativo que permitia mais que uma cópia.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

apenas na década de 1930, que o gênero documental apresenta suas características mais peculiares: o desconhecido, as mazelas sociais, o cotidiano e os lugares distantes (LOMBARDI, 2008).



FIGURA 1 - HILL, David Octavius e ADAMSON, Robert. *Sophia Finlay e Harriet Farnie*, 1843 – 1847. Cópia em papel salgado a partir de negativo de papel.

Fonte: <<http://ryanharp.net/post/128197188864/sophia-finlay-and-harriet-farnie-photo-by-robert>>.

Segundo André Rouillé (2009) no livro intitulado *A fotografia entre documento e arte contemporânea*, a fotografia documental pretendia relacionar-se com concepções tais como busca da verdade e retratação de alguns padrões sociais³. Os temas humanistas⁴ tornaram-se humanitários⁵, no pós-guerra, a busca por novos ideais, corrobora com o novo rumo da fotografia documental,

³ Segundo André Rouillé, diferenças de classes no que se refere a diferenças econômicas, políticas entre outras, sendo que os fotógrafos focavam nas classes menos abastadas.

⁴ Segundo André Rouillé, os temas humanistas envolvem trabalho, amor, amizade, solidariedade, festa, a infância.

⁵ Segundo André Rouillé, os temas humanitários envolvem a catástrofe, o sofrimento, a penúria, a doença.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

as ideias de chamar a atenção para uma determinada situação social, dá espaço a novas formas de representação, pois a fotografia não é mais o registro fiel da realidade e passa a sugerir uma situação através do ponto de vista, do imaginário⁶ do fotógrafo, e devido aos desejos de uma sociedade em transformação (LOMBARDI, 2008). A inversão de valores e a perda deste elo com o mundo leva a fotografia-documento à um declínio em relação aos fotógrafos (ROUILLÉ, 2009).

Atualmente a fotografia documental não atende aos pressupostos historicamente conhecidos e a partir dos anos 1950 este gênero busca novos valores. Neste sentido foi com Robert Frank e Diane Arbus que o fotodocumentarismo toma novos rumos, em que o primeiro fotógrafo viaja pelos Estados Unidos e realiza um trabalho que estava livre dos pressupostos da fotografia documental clássica (ROUILLÉ, 2009), e a segunda fotógrafa mostra o grotesco, com roupas degradantes e com fotografias posadas (SONTAG, 2004).

Com uma bolsa da fundação Guggenheim⁷, Frank⁸ viaja mais de dezesseis mil km pelos Estados Unidos, durante os anos de 1955 e 1956, mostrando a desigualdade social e a segregação racial no país (HACKING, 2012). Para Jorge Pedro Souza no livro intitulado *Uma História Crítica do Fotorjournalismo Ocidental*, a ausência de significado presente na fotografia de Frank⁹ cria um conjunto de imagens poéticas, enigmáticas, carregadas de subjetividade, roçando o absurdo, o sentido de sua fotografia é praticamente aquele que o observador possa lhes dar, como na fotografia *Elevator – Miami Beach* de 1955 uma cena cotidiana, com forte contraste, baixa velocidade e granulada (FIG. 2).

⁶ O impalpável, o lugar de arquivo de nossa memória, segundo o livro *O Ato Fotográfico* de Philippe Dubois.

⁷ Museu de renome internacional situado em Nova Iorque. < <http://www.guggenheim.org/new-york/about>>

⁸ Segundo Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves, no artigo intitulado *Fotojornalismo: entre a opacidade e a transparência*, Frank: “[...] Estrangeiro e solitário, ele apresenta através do seu olhar desencantado o avesso do sonho americano”.

⁹ Segundo Juliet Hacking, no livro intitulado *Tudo Sobre Fotografia*, Frank é o primeiro estrangeiro a conceber uma bolsa da Fundação Guggenheim.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 2 - FRANK, Robert. *Elevator – Miami Beach*, 1955. 1 foto preto e branco.

Fonte: <<http://www.npr.org/2009/08/30/112389032/robert-franks-elevator-girl-sees-herself-years-later>>.

Com isso, Frank foi considerado como um marco no novo regime da fotografia documento, recusando-se a seguir padrões previamente estabelecidos e optando por mostrar apenas seu ponto de vista ao espectador (ROUILLÉ, 2009). Nesse sentido, temos sua fotografia que ilustrou a capa do livro *Les Américains*, considerada, naquela época, uma crítica social, todavia Frank afirmou: “[...] eu não estava pensando em segregação quando a tirei. Mas, sim, nos negros, que me transmitiam uma maior sensação de dignidade (Hacking, 2012, p. 382)” (FIG. 3).

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 3 - FRANK, Robert. *Sem Título*. 1 foto preto e branco. Fonte: <<http://blog.ricecracker.net/tag/robert-frank/>>.

Frank faz uso de novos enquadramentos, imagens tremidas, altos contrastes, granulações, deformações (ROUILLÉ, 2009) e essa dissonância na construção das imagens, por desconstruir a estética documental clássica, ocasionou uma recepção feroz do livro *Les Americans*¹⁰ por parte dos norte-americanos (LOMBARDI, 2008).

Para Susan Sontag no livro intitulado *Sobre Fotografia*, a obra de Arbus é franca e empática, mas sem carga sentimental, aceitando o horrível e mantendo o espectador perto do tema. Ela diz:

O aspecto mais impressionante da obra de Arbus é que ela parece ter engajado em uma das mais vigorosas empreitadas da arte fotográfica – concentrar-se nas vítimas, nos desgraçados –, mas sem servir ao propósito compassivo que se espera de tal projeto. Sua obra mostra pessoas patéticas, lamentáveis, bem como repulsivas, mas não desperta nenhum sentimento de compaixão (Sontag, 2004, p. 46).

¹⁰Para Jorge Pedro Souza no livro intitulado *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*, a maior parte dos norte-americanos ainda não aceita e não se identifica com a realidade apresentada no livro.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Novamente Sontag afirma que por ser de família judia rica passou a infância protegida dessa realidade de horror que passou a fotografar. Na maior parte das fotografias de Diane Arbus os retratados olham para a câmera (FIG. 4), potencializando o caráter de estranheza, mas deixando quase imperceptível o sofrimento daquela pessoa, diminuindo a segregação social que tal indivíduo vive (SONTAG, 2004).



FIGURA 4 - ARBUS, Diane. *Sem Título*. 1 foto preto e branco.

Fonte: <<http://robertvaningen.com/diana-arbus/>>.

Segundo Sontag, a pose frontal e o olhar direto do retratado para a câmera, pareciam mais adequadas às cerimônias de casamentos, formaturas, entre outros e menos utilizadas para divulgar candidatos políticos, pois o ato de encarar a máquina fotográfica sugere um confronto ao espectador. E o que torna ainda mais empolgante no trabalho de Arbus é que com seus temas nos defrontamos com pessoas que não esperaríamos que sugerissem este enfrentamento, mas que se ofereceram gentil e ingenuamente, como o menino no Central Park que segura sua granada de brinquedo (FIG. 5).

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 5 - ARBUS, Diane. *Sem Título*. 1 foto preto e branco.

Fonte: <<http://robertvaningen.com/diana-arbus/>>.

Apesar de, manterem um propósito de que seus projetos deveriam ter um estudo prévio tanto Arbus quanto Frank mostra uma linguagem distinta e específica de construir suas imagens, compartilhando com o espectador o seu ponto de vista, sua liberdade de movimento, o sujeito que a fotografia documento havia subjugado durante muitos anos o “eu” fotógrafo (ROUILLÉ, 2009).

Novamente Rouillé (2009) afirma que, na década de 1990, esta crise da fotografia intensifica-se, pois, a sociedade possui novos valores que passam a valorizar uma proximidade com o cotidiano e o mundo presente (ROUILLÉ, 2009).

Lombardi (2008) refere-se a um novo direcionamento da fotografia documental contemporânea, em que o imaginário do fotógrafo torna-se presente na construção das imagens e o “eu” mencionado por Rouillé (2009), trata sobre o ponto de vista e a expressão do fotógrafo. Esta subjetividade faz parte de um novo gênero da fotografia: a fotografia expressiva. A fotografia expressiva

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

apresenta um caráter mais subjetivo propondo outras vias de interpretação aos acontecimentos, vias que foram incompreendidas no período do seu surgimento da fotografia expressiva.

Novamente Lombardi afirma que,

Mesmo que o fotógrafo quisesse dar um significado particular ao conjunto de características de sua imagem, essa intencionalidade seria ineficiente, pois o imaginário do produtor não é o mesmo do receptor (LOMBARDI, 2008, p. 55).

O imaginário segundo Lombardi, relaciona-se com o repertório visual adquirido por cada indivíduo e está intimamente ligado à maneira como interpretará e vivenciará experiências de caráter visual. A partir dessa premissa o fotógrafo constrói imagens com base nas suas experiências de vida, sua orientação religiosa, política, dentre outras questões que orientam sua formação individual. Em contrapartida, temos o espectador que contempla estas imagens e as ressignifica (LOMBARDI, 2008).

A CONSTRUÇÃO DA FOTOGRAFIA EXPRESSIVA

Segundo Lombardi (2008), a forma clássica¹¹ como os fotógrafos documentam o mundo e as experiências cotidianas estão desaparecendo e abrindo espaço ao imaginário, e este é o lugar da criatividade, de contradições, dos mitos, dos desejos, das crenças, dos sonhos, das aspirações, da subjetividade (LOMBARDI, 2008). A partir deste pressuposto, os fotógrafos Claudia Andujar e Miguel Rio Branco, apresentam projetos concebidos a partir de suas pesquisas de caráter autoral e que forma desenvolvida durante longos períodos. O ponto de conexão entre o trabalho de Andujar e Rio Branco é que os dois apresentam uma linguagem bem particular e com imagens impregnadas de subjetividade.

¹¹ Por volta da década de 1930 apresenta suas principais características: o desconhecido, as mazelas sociais, o cotidiano, os lugares distantes, conforme citado no tópico Desconstruindo a Estética da Fotografia Documental deste artigo.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Nascida na Suíça e radicada no Brasil, Claudia Andujar foi uma refugiada da Segunda Guerra Mundial, morou na Transilvânia e nos Estados Unidos da América até fixar residência no Brasil, optando por tornar-se fotógrafa. Trabalhou entre 1958 e 1972 como *freelance* para algumas revistas brasileiras e teve algumas publicações em revistas estrangeiras. Ao final da década de 1950 teve seu primeiro contato com os índios da tribo Yanomani, mas apenas em 1972 dá início a um de seus maiores projetos fotográficos: *Yanomami*. Entre 1972 e 1976, Andujar passou longos períodos com essa tribo e dessa convivência, nasce um trabalho considerado ‘belo e emotivo’, segundo a crítica em fotografia Simonetta Persichetti (PERSICHETTI, 2008).

A partir de pautas¹² solicitadas pela revista *Realidade*¹³ sobre a Amazônia, Andujar teve seu primeiro contato com os índios e foi nesta ocasião que surgiu seu interesse pelos Yanomami, já que esta tribo mantinha pouco contato com os brancos. Em entrevista para Persichetti (2008), Andujar diz que a fotografia corroborou com seu autoconhecimento e para descobrir o país onde se estabelecera. Com trabalhos envolvendo temáticas sobre guerras e minorias, Andujar desenvolve seu projeto com os Yanomamis, que segundo a fotógrafa, “[...] desde pequena vivia a margem da minha família, por causa de laços familiares rompidos. Depois veio a guerra, a triste experiência de ser vitimada pelo racismo nazista” (PERSICHETTI, 2008, p. 19). A partir dessa vivência, Andujar vem realizando projetos fotográficos que buscam valorizar uma determinada cultura tais como, as classes minoritárias e os marginalizados, com o intuito de socializar e proporcionar melhorias para seus integrantes (PERSICHETTI, 2008).

¹² Segundo Simonetta Persichetti, as pautas da revista *Realidade* não eram fechadas, permitindo ao fotógrafo tempo suficiente para desenvolver o ensaio de cunho mais autoral.

¹³ Segundo Simonetta Persichetti, *Realidade* era uma revista brasileira que circulou de meados dos anos 1960 até 1976, que tratava de questões políticas e sociais da vida brasileira da época.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Em 1971, foi contemplada com duas bolsas-artista da Fundação Guggenheim tendo subsídio financeiro para iniciar seu trabalho com os índios, passando longos períodos na tribo, o que proporcionou um longo e expressivo projeto. Com a construção da Perimetral Norte¹⁴, os Yanomamis enfrentaram muitos problemas como doenças e tumulto para os integrantes da tribo, o que despertou a desconfiança da Funai sobre a presença de Andujar na região, então foi preciso fazer uma pausa na sua pesquisa iconográfica. Após naturalizar-se brasileira e desfrutar de alguns direitos e deveres de cidadãos brasileiros, Andujar retorna às terras Yanomami, desta vez com bolsa da FAPESP¹⁵, para mais um longo período de aprofundamento. Em 1976, ela é expulsa das terras Yanomomis, pois a Funai acreditava que o trabalho se tratava de uma denúncia sobre o descaso do governo brasileiro com seus índios. Em decorrência deste incidente, Andujar foi enquadrada na Lei de Segurança Nacional¹⁶ como “pessoa não grata¹⁷”, então retornou para São Paulo e começou a edição de todo seu material (PERSICHETTI, 2008).

Nas imagens deste projeto Andujar faz uso do alto contraste, salientando o drama e o contraluz, deixando um ar angelical na criança retratada, a divisão da fotografia sugere o caminho a ser percorrido com o olhar (FIG. 6).

¹⁴ Rodovia Federal BR-210, Roraima. <<https://www.google.com.br/maps/place/BR-210,+210,+S%C3%A3o+Luiz+--+RR,+69370-000/@2.1487091,-60.031856,8z/data=!4m2!3m1!1s0x8d8bf7774d5ce6c9:0xd3c1ed429507228e?hl=pt-BR>>

¹⁵ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. <<http://www.fapesp.br/>>

¹⁶ Lei que define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17170.html>

¹⁷ Nota da autora: Não é bem-vinda.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 6 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>.

A linguagem utilizada pela fotógrafa também denota a proximidade que ela manteve com os retratados, os dois planos em evidência e a naturalidade com que os indígenas se apresentavam à ela, são resultado de sua longa estadia com a tribo (FIG. 7 e 8). Esta naturalidade também está presente na fotografia de Diane Arbus, revelando certa intimidade entre fotógrafo e retratado.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 7 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.

Fonte: <<http://povosindigenas.com/claudia-andujar/>>.



FIGURA 8 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Andujar transgride as regras básicas da composição fotográfica, corta a cabeça e os pés do retratado em primeiro plano, evidenciando as questões de sobrevivência do grupo indígena (FIG. 9).



FIGURA 9 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>.

O posicionamento, a baixa velocidade do obturador são cuidadosamente escolhidos e apresentam a linguagem distinta empregada por Andujar em seu projeto (FIG. 10 e 11).

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 10 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.
Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>.



FIGURA 11 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.
Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

Fazendo pleno domínio da luz Andujar valoriza as linhas, o volume, mantendo a limpeza das suas fotografias, a composição confere harmonia aos seus trabalhos fotográficos (FIG. 12).



FIGURA 12 - ANDUJAR, Claudia. *Sem Título*. Livro *Yanomami*, 1 foto preto e branco.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>.

Segundo Persichetti (2008), Miguel Rio Branco é espanhol, filho de diplomatas, morou em muitos países durante a infância. Em 1970, resolveu estabelecer residência no Brasil. Rio Branco além de fotógrafo tem trabalhos como pintor e com o cinema experimental. É reconhecido como um dos melhores fotojornalistas que faz uso da cor. Durante os anos 80, morou em Paris, onde tornou-se membro pleno da agência Magnum Photos¹⁸ (PERSICHETTI, 2008).

Miguel Rio Branco traz influência do cinema por meio de imagens impregnadas de narrativa e cortes intransigentes, que mostravam apenas parte do corpo dos retratados e deixa a cabeça, braços e pernas fora do enquadramento, assim como o uso de cores fortes. Estes são alguns elemen-

¹⁸ Agência de Fotografia Francesa fundada em 1947 pelos fotógrafos Robert Capa, Henri Cartier-Bresson, George Rodger e David "Chim" Seymour. <http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAX_2&FRM=Frame:MAX_3#/CMS3&VF=MAX_2&FRM=Frame:MAX_5>.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

tos constitutivos da sua linguagem e denunciam sua característica pessoal em retratar. Rio Branco transforma o cotidiano e suas imagens retratam a violência, a dor e a solidão, são sempre construídas em detalhes e se completam na edição (PERSICHETTI, 2008).

Em entrevista para Persichetti (2008), Miguel Rio Branco diz que faz uso do cromo¹⁹, por sua alta definição e por proporcionar cores mais fortes, e que a cor tem forte ligação com a pintura, trazendo uma informação que enfatiza sua linguagem autoral à fotografia, deixando-a mais complexa. Seus projetos são concebidos a partir de encomendados, durante o desenvolvimento de tal trabalho surgia uma ideia que posteriormente acabava melhor desenvolvida, tais propostas deixam o artista livre para colocar sua marca pessoal ou por meio de experiências de vida, acreditando sempre que o trabalho possui uma base conceitual (PERSICHETTI, 2008).

Para Miguel Rio Branco, a edição de seu trabalho não apresenta dificuldade embora o fotógrafo considere que: “[...] tem fotos minhas que são extraordinárias, mas não entram em livro por que não cabem” (PERSICHETTI, 2008, p. 22). A construção do discurso de suas imagens não segue um padrão linear, com começo, meio e fim, o discurso apresenta uma poética própria. A edição depende da proposta de cada livro, alguns sugerem imagens pontuais, atemporais e que propõe algo além do real. Esta atemporalidade é característica do seu trabalho, mantendo seus arquivos vivos e não ligados diretamente há uma realidade, permitindo montar e remontar sua obra (PERSICHETTI, 2008).

Assim como Robert Frank e Claudia Andujar, Miguel Rio Branco renega os padrões da fotografia documental clássica, optando por deixar de fora do primeiro plano, na mesma fotografia, as pernas de um retratado e o corpo de outro (FIG. 13).

¹⁹ Cromo – Fotografia colorida em positivo, revelada sobre uma película transparente de celuloide. <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=Cromo>>

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 13- BRANCO, Miguel Rio. *Sem título*, Livro *Nakta*, 1 fotografia cor.

Fonte: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>.

Assim como Diane Arbus, Rio Branco fotografa a dor, o sofrimento, mas sem dar uma identidade aos seus retratados, minimizando as dores que tal indivíduo vive. A cor marcante em suas fotografias favorece a dramaticidade e a baixa velocidade com que a imagem é construída proporciona movimento que potencializa o drama apresentado (FIG. 14 e 15).

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

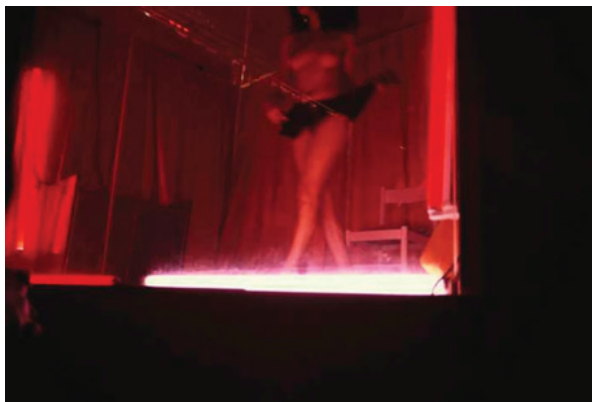


FIGURA 14 - BRANCO, Miguel Rio. *Sem título*, Livro *Nakta*, 1 fotografia cor.
Fonte: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>.

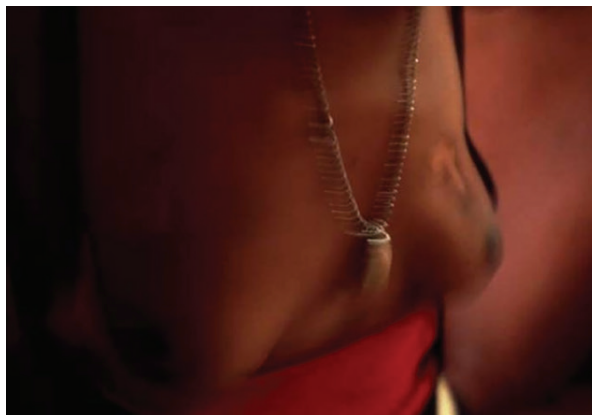


FIGURA 15 - BRANCO, Miguel Rio. *Sem título*, Livro *Nakta*, 1 fotografia cor.
Fonte: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

A dor é materializada por meio da morte, o fotógrafo mostra apenas o seu ponto de vista para um espectador que é alheio a determinada situação (FIG. 16).



FIGURA 16 - BRANCO, Miguel Rio. *Sem título*, Livro *Nakta*, 1 fotografia cor.

Fonte: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>.

Novamente, através da baixa velocidade de obturador, do corte intransigente e da cor forte Rio Branca enfatiza a penúria e a tensão existente entre homem e animal (FIG. 17 e 18).

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo



FIGURA 17 - BRANCO, Miguel Rio. *Sem título*, Livro *Nakta*, 1 fotografia cor. Fonte: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>.



FIGURA 18 - BRANCO, Miguel Rio. *Sem título*, Livro *Nakta*, 1 fotografia cor. Fonte: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada neste artigo, concluímos que a representação da fotografia documental tomou novos rumos a partir da década de 1950, os temas e as técnicas utilizadas para a construção dos projetos eram baseados em valores de uma determinada sociedade, no pós-guerra a sociedade e os fotógrafos buscam novos valores. Neste sentido é com Robert Frank e Diane Arbus que se nota as primeiras características da fotografia documental contemporânea, que deixa claro o ponto de vista do fotógrafo e proporciona ao espectador uma forma livre de interpretação.

Sob a mesma linha de desconstrução dos projetos de Frank e Arbus, foram apresentados os fotógrafos Claudia Andujar e Miguel Rio Branco, que usam a fotografia expressiva para apresentar ao espectador novas vias de compreensão dos acontecimentos, mas que causaram no primeiro momento estranheza e incompreensão.

Durante esta pesquisa surgiram novos caminhos para serem explorados, possibilitando a continuidade deste projeto para uma futura reflexão mais aprofundada sobre a temática abordada neste artigo. Neste sentido, enfatiza-se que a nova proposta, será norteada pelo imaginário e pela subjetividade do fotógrafo pois, como foi apontado durante toda a pesquisa, o impalpável é o que orienta os trabalhos fotográficos da fotografia documental contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDUJAR, C. **Yanomami**. Curitiba. Gráfica e Editora Posigraf, 1998.

ANDUJAR, C. Disponível em: <<http://povosindigenas.com/claudia-andujar/>>. Acesso em: 18 de set. de 2015.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

ANDUJAR, C. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vmuvvec3g74>>. Acesso em: 14 de set. de 2015.

ARBUS, D. Disponível em: <<http://robertvaningen.com/diana-arbus/>>. Acesso em: 25 de out. de 2015.

BRANCO, M. R. *Nakta*. Curitiba. Multprint Gráfica e Editora Ltda, 1996.

BRANCO, M. R. Disponível em: <http://www.miguelriobranco.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&flg_Tipo=7>. Acesso em: 13 de set. de 2015.

BRANCO, M. R. Disponível em: <http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAX_2&FRM=Frame:MAX_3#/CMS3&VF=MAX_2&FRM=Frame:MAX_5>. Acesso em: 25 de set. de 2015.

DUBOIS, P. *O Ato Fotográfico*. 6ªed. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP. Papyrus, 2003.

FAPESP. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/>>. Acesso em: 25 de set. de 2015.

FRANK, R. Disponível em: <<http://www.npr.org/2009/08/30/112389032/robert-franks-elevator-girl-sees-herself-years-later>>. Acesso em: 25 de out. de 2015.

FRANK, Robert. Disponível em: <<http://blog.ricecracker.net/tag/robert-frank/>> Acesso em: 06 de out. de 2015.

GONÇALVES, S. M. L. P. *Fotojornalismo: entre a opacidade e a transparência*. Revista Discursos Fotográficos, Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2012. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos>

GUGGENHEIN, Fundação. Disponível em: <<http://www.guggenheim.org/new-york/about>>. Acesso em: 25 de set. de 2015.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

GURAN, M. *Linguagem Fotográfica e informação*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

HACKING, J. **Tudo sobre fotografia**. Prefácio: David Company. Tradução: Fabiano Morais, Fernanda Abreu e Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HILL, D. O.; R. A. Disponível em: <<http://ryanharp.net/post/128197188864/sophia-finlay-and-harriet-farnie-photo-by-robert>>. Acesso em: 08 de nov. de 201

LOMBARDI, K. **Documentário Imaginário**: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. Revista Discursos Fotográficos, Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2012. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos>>.

MAPS, Google. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/BR-210,+210,+S%C3%A3o+Luiz+-+RR,+69370-000/@2.1487091,-60.031856,8z/data=!4m2!3m1!1s0x8d8bf7774d5ce6c9:0xd3c1ed429507228e?hl=pt-BR>>. Acesso em: 12 de out. de 2015.

MICHAELIS, Dicionário. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=Cromo>>. Acesso em: 18 de nov. de 2015.

ORDINÁRIA, Lei. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7170.html>. Acesso em: 25 de set. de 2015.

PHOTOS, Magnum. Disponível em: <http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAX_2&FRM=Frame:MAX_3#/CMS3&VF=MAX_2&FRM=Frame:MAX_5>. Acesso em: 14 de nov. de 2015.

PERSICHETTI, S. *Claudia Andujar*. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2008.

PERSICHETTI, S. *Miguel Rio Branco*. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2008.

O SUBJETIVO SUBJUGADO DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL: A Desconstrução da Estética Clássica do Fotodocumentarismo

ROUILLÉ, A. **A fotografia entre documento a arte contemporânea**. Tradução Constança Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Editora Grifos: Florianópolis: Livraria e editora obra jurídica LTDA, 2000.